



Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história¹

Priscila Natividade Dias Santos Oliveira²

FSBA – Faculdade Social da Bahia

Resumo: O presente artigo apresenta as conclusões da Monografia de Conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, intitulada “*Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história – o gênero híbrido, numa análise das obras Rota 66, de Caco Barcellos e Morcegos Negros, de Lucas Figueiredo*” que teve como objetivo observar de que maneira o livro-reportagem, através do jornalismo literário, transforma uma informação factual em história. Para confirmar esta hipótese foram analisadas as estruturas narrativas dos livros-reportagem *Rota 66*, escrito por Caco Barcellos e *Morcegos Negros*, de Lucas Figueiredo. O estudo acadêmico procura alcançar o processo de simbiose existente nas trocas, conflitos, diferenças e proximidades entre o jornalismo e a literatura, em busca da construção de um texto movido pelo amor que ambos cultivam pela palavra impressa.

Palavras-chave: literatura; jornalismo; livro-reportagem

Era uma vez um tipo espevitado, ousado e efêmero. Em contrapartida, havia um outro gênero, clássico, antigo, criador dos mais diversos personagens e situações, imortalizado pela nostalgia. Entre conflitos, trocas e simbioses, o jornalismo e a literatura sempre marcaram a disputa pela palavra e as diferenciações quanto ao ato de narrar. Ficção e realidade, ora próximas, ora distantes, tornaram-se o foco do enredo desta história de eterno romance, entre o império dos fatos e o jardim da imaginação, como afirma Cosson:

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as idéias de força, domínio e amplidão de territórios, que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação. (COSSON, 2002, p.58)

¹ O presente artigo traz um esboço dos resultados da Monografia de Conclusão de Curso intitulada “*Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história – o gênero híbrido, numa análise das obras Rota 66, de Caco Barcellos e Morcegos Negros, de Lucas Figueiredo*”, submetida ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade Social da Bahia, em junho de 2005, sob orientação da prof. ms Ana Cristina Spannenberg, e aprovada pela banca examinadora com nota 10,0. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, evento participante do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Social da Bahia e Pós-Graduanda em Jornalismo Contemporâneo pelas Faculdades Jorge Amado.



Esta relação não é algo novo, já que é na literatura que o jornalismo finca suas raízes originárias e formadoras do campo³. A própria história do jornalismo se confunde com a da literatura. Daí sua ligação, tão intensa e confluyente.

Literatura, segundo Alex Galeno, advém do latim *litterata*, que está relacionado a caracteres ou escritos impressos (cf. GALENO, 2002, p.102). A relação entre jornalismo e literatura apresenta proximidade não só em seu significado semântico. No sentido prático, Clóvis Rossi compara o jornalismo a uma batalha pela conquista da atenção de seu público (cf. ROSSI, 2002, p.7). Assim como na literatura, a palavra torna-se o principal recurso que caracteriza a ação do jornalismo para atingir seu alvo. A atenção do leitor e a palavra escrita justificam esta união, que encontra seu marco originário, a partir do momento em que narrar torna-se essencial, tanto para o fazer jornalístico, quanto para a literatura.

Num primeiro contato, o jornalismo se aproveita dos recursos literários para compor sua imagem de campo específico. Antes de 1930, os jornais utilizavam a literatura apenas para entreter o leitor, através de suas histórias. A partir do momento em que ele se insere na área da cultura mercadológica, o veículo passa a vender histórias. O jornalismo articulava a literatura, enquanto produto de consumo e não mais como um “mero” caderno literário (cf. LIMA, 1995, p.136).

A arte literária, por sua vez, encontra no jornal uma notoriedade diferente, uma proximidade maior com o público. Para Edvaldo Pereira Lima, este é o principal fator que atrai os escritores até as redações de jornal, e, conseqüentemente, transporta a literatura para as páginas impressas do jornalismo (cf. LIMA, 1995, p.136).

Inicialmente, é o jornalismo que bebe na fonte e na “boêmia” literária. Depois, é a literatura que descobre no jornalismo um meio de repensar sua prática, através da realidade efetiva com um “sabor literário”, baseado na precisão da textualidade, clareza e simplicidade. Ou seja, a literatura retira temáticas do jornalismo que podem construir a realidade de suas histórias. Ao confrontar esta relação, Lima (1995) elucida ainda, a confluência entre ambas as maneiras de narrar, como um constante sistema de trocas, que marcaram decisivamente o desenvolvimento dos gêneros jornalísticos e literários:

³ No presente trabalho está sendo utilizado a noção de Pierre Bourdieu, que entende campo como micro-espacos sociais nos quais se desenvolvem redes de relações objetivas entre posições marcadas por oposições, demarcando um conflito constante entre aqueles que estão dentro e os que estão fora do campo. Entretanto, por fugir dos objetivos da pesquisa, não aprofundaremos mais este conceito.



O jornalismo absorve assim, elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá um aproveitamento direcionado a outro fim. (...) E é esta tarefa, a de sair do real para coletar dados e retratá-los, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura adaptando-as, transformando-as. (LIMA, 1995, p.138)

Esta retrospectiva histórica conduz a um questionamento: que relação permeia realmente, o encontro entre jornalismo e literatura? O diálogo se permite e os laços se fortalecem na interdependência dos elementos jornalísticos e literários, ao se entregarem a uma história. Seja qual for a época ou período, a palavra é sempre compartilhada e definida como componente, tanto ao se captar determinada realidade, como também, ao criá-la.

1. Jornalismo e literatura numa experiência híbrida, no livro-reportagem

Mesmo envolvido em brigas, debates e intersecções há algo que a literatura e o jornalismo não podem negar: ambos se diluem ao acrescentar criatividade e habilidade narrativa a uma realidade cotidiana, no caso do jornalismo, ou imaginária, como acontece na literatura. Afinal, tanto o fazer jornalístico, quanto o literário, tem muito a contribuir e partilhar entre si. Características distintas, numa ligação confluyente.

Uma idéia difundida amplamente por autores como Alceu Amoroso Lima, pode explicar como se dá esta espécie de hibridismo entre os gêneros⁴. Apesar das controvérsias que envolvem diversas correntes que rejeitam a hipótese, Amoroso Lima (1969) insiste na discussão e classifica o jornalismo como um gênero literário:

O gênero literário, portanto, em vez de ser como queriam os antigos, um tipo de construção estética determinado por um conjunto de normas objetivas a que toda composição deve obedecer – é um tipo em construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades

⁴ Para designar o conceito de gênero foram utilizados os estudos literários de Tzvetan Todorov sobre o assunto, em que este considera o gênero “um ponto de encontro da poética geral e da história literária factual; ele é, por isso, um objeto privilegiado, o que bem poderia agraciá-lo com a honra de se tornar personagem principal dos estudos literários” (TODOROV, 1987, p.36). A fim de completar esta idéia e direcioná-la ao propósito do nosso estudo, mais uma vez, buscaremos em Alceu Amoroso Lima um enquadramento do conceito, ao tema discutido neste artigo. Assim, o autor caracteriza o gênero como uma espécie de tipificação peculiar, diante de um universo maior. Cria um tipo único de transmitir idéias e palavras: “o gênero é assim compreendido, não como uma imposição ou modelo, de fora para dentro, mas como uma livre disciplina, de dentro pra fora, com princípios ordenadores determinados pela própria arte em sua função criadora” (AMOROSO LIMA, 1969, p.15).



intrínsecas e extrínsecas. Nessa concepção flexível e não rígida de gênero literário é que podemos incluir o jornalismo. (AMOROSO LIMA, 1969, p.18)

Desse modo, o emprego da palavra será ou não literatura, conforme sua essência, e não seu veículo de divulgação (cf. AMOROSO LIMA, 1969, p.43). O meio sobressai o modo de expressão. O jornalismo está disposto na literatura como apreciação dos acontecimentos (cf. AMOROSO LIMA, 1969, p.40). Esta apreciação, geralmente, é feita em prosa. “Aí está o quadrilátero fechado: arte verbal, em prosa, de apreciação, dos acontecimentos” (AMOROSO LIMA, 1969, p.42).

O estilo jornalístico – atualidade, objetividade, realismo, precisão, concisão, clareza e cultura – como defende Amoroso Lima, constitui o traço diferencial que faz do jornalismo um gênero literário. É, justamente, este estilo que seleciona o que fará parte do campo, por isso, o jornalismo é uma espécie de literatura desprovida de ficção. Estas são as características essenciais ao jornalismo (cf. AMOROSO LIMA, 1969, p.64). Ao lidar com a palavra verbal, com um fundamento específico, o jornalismo passa a fazer parte deste território aberto, diverso e plural, que demarca a literatura.

Uma outra justificativa para tal hibridismo, que se mostra presente no livro-reportagem é evidenciada por Sérgio Caparelli. A partir de uma espécie de intersecção de campos, em que um complementa o outro, o autor indica essa proximidade. Existe, assim, uma intrusão desses espaços, ligados pela narrativa de um objeto factual (cf. CAPARELLI, 1996, p.175).

Diante da idéia de campos unidos pelo processo de industrialização, tanto da notícia, quanto do livro, as transformações ocorridas conduzem ao surgimento de uma relação híbrida entre jornalismo e literatura. Retomam-se as vertentes originárias dessa união, de onde resultaram experiências como a reportagem e a crônica de João do Rio e a linhagem romântica de Euclides da Cunha, bem como, a narrativa marcante do *New Journalism* e da *Revista Realidade*.

O campo jornalístico estruturou-se a partir desta relação com o campo literário. Estruturação esta, que refletiu, decisivamente, na formação dos gêneros jornalísticos existentes, principalmente no que diz respeito ao livro-reportagem. É deste processo de formação e estruturação do campo jornalístico que advém o caráter híbrido do livro-reportagem (cf. CAPARELLI, 1996, p.182-183).



De acordo com esse aspecto híbrido, o que seria então, o livro-reportagem? Depois de perceber a reportagem como um aprofundamento da notícia e a grande reportagem como a contextualização da mesma, resta ao livro-reportagem abordar extensivamente o fato reportado, nos mínimos detalhes. Em *Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Edvaldo Pereira Lima evidencia, o seguinte conceito para essa publicação jornalística:

Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1995, p.7)

É precisamente nesta peculiaridade, em avançar na apuração da reportagem, quebrando limites impostos pelo próprio jornalismo, que reside a característica formadora do livro-reportagem. Ele consegue informar, envolver e, até mesmo, entreter o público, através da leitura de um fato verdadeiro, num ambiente propício a experimentações e possibilidades narrativas diversas.

O livro-reportagem é, sem dúvida, o resultado mais latente da união entre jornalismo e literatura. Um romance que busca uma linguagem aprofundada, cujo objetivo reside em intensificar a utilização de elementos narrativos para estruturar seu relato. É assim, um subsistema híbrido, que incorpora precedentes operacionais do jornalismo – pauta, temática, redação e edição – com condicionamentos literários e editoriais – elementos narrativos, mercado, público, esquemas de distribuição (cf. LIMA, 1995, p.36).

Tal narrativa possibilita um aprofundamento, um envolvimento maior do leitor com a história, numa vazão do jornalismo a vertentes literárias, sem deixar de reportar ou apurar determinada notícia. O livro-reportagem atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. É daí que emana a sedução e emoção desta obra jornalística, e, ao mesmo tempo, literária. Ampliam-se, não só as páginas escritas, mas também, o contato entre a reportagem, o jornalista e o leitor. A obra jornalístico-literária desmonta a idéia de que não se pode fazer um jornalismo literário, sob a égide da velha



discussão, do que é jornalismo e o que é literatura. Não existem barreiras, mas sim, uma apropriação técnica entre ambas.

2. Rota 66 e Morcegos Negros transformando fatos em história – uma análise da construção narrativa no livro-reportagem

A partir de tais conceitos referentes à aproximação entre jornalismo e literatura, propomos um exercício de observação, lançando um olhar sobre os livros *Rota 66 – a história da polícia que mata*, de Caco Barcellos e *Morcegos Negros – PC Farias, Collor, máfias e a história que o Brasil não conheceu*, de Lucas Figueiredo, para verificar como ocorre a transformação do fato em história, no livro-reportagem.

As obras citadas foram escolhidas a partir da repercussão desses livros na época em que foram publicados, devido às denúncias apuradas pelos jornalistas-escritores e, até pela própria polêmica trazida pelos episódios reportados. As histórias contadas, pelo fato de serem histórias, não deixam, assim, de ser reais. Afinal, nem toda história é fictícia. Uma história pode vir a influenciar determinada conjuntura social, tanto quanto uma notícia, desde que seja verdadeira.

O recorte da amostragem engloba os livros-reportagem denúncia⁵ que, segundo Edvaldo Pereira Lima (1995), reclamam injustiças, desmandos do governo, abusos de entidades privadas e públicas e incorreções de segmentos da sociedade. Ao focar, principalmente, fatos marcados por escândalos, como o caso PC Farias e o grupo de extermínio da Rota de São Paulo, esses livros se enquadram em tal perfil classificatório. Sendo assim, as obras denunciam e investigam determinado fato de interesse público. Daí a escolha específica desta tipificação temática para compor a pesquisa. A análise se propõe, então, a confirmar a hipótese de que o jornalismo e a literatura são híbridos no livro-reportagem e que por isso, a estrutura narrativa deste veículo se aproxima bastante daquela que compõe o texto ficcional, para transformar esta informação factual em conflito literário.

⁵ Edvaldo Pereira Lima classifica o livro-reportagem de acordo com uma ordem temática. Assim, ele propõe as seguintes tipificações: livro-reportagem-perfil, livro-reportagem depoimento, livro-reportagem retrato, livro-reportagem ciência, livro-reportagem ambiente, livro-reportagem história, livro-reportagem nova-consciência, livro-reportagem instantâneo, livro-reportagem atualidade, livro-reportagem antologia, livro-reportagem denúncia, livro-reportagem ensaio e livro-reportagem viagem (LIMA, 1995, p.44-50).



Para alcançar esta conclusão, o modelo aplicado à análise proposta é resultado da união de outros três modelos distintos, propostos por Tzvetan Todorov, em *As estruturas narrativas* (1970), Othon Garcia, em *Comunicação em prosa moderna* (2002) e Cândida Vilares Gancho na obra, *Como analisar narrativas* (2002). Utilizamos também, para compor o esquema de análise, Edvaldo Pereira Lima (1995), devido a profundidade de seus estudos, no que diz respeito ao livro-reportagem e ao jornalismo literário.

Todorov propõe a análise estrutural da narrativa baseada em seu discurso literário, mais do que na preocupação de se estudar a obra, propriamente dita. Dessa maneira, o estudioso oferece recursos avaliativos, que estimulam um esboço concreto do discurso literário e sua formação estrutural. Para isso, o autor defende que “a literatura deve ser compreendida na sua especificidade, enquanto literatura, antes de procurar estabelecer sua relação com algo diferente dela mesma” (TODOROV, 1970, p.81). Utilizaremos como contribuição de Todorov, a preocupação em estudar a vazão literária no livro-reportagem e suas estruturas.

Othon Garcia sugere um roteiro de análise de aplicação prática, em relação ao estudo da técnica narrativa, com o objetivo de aprofundar os aspectos da análise, distanciando-as de apreciações infundadas ou desconexas. Este roteiro é, então, capaz de “mostrar os aspectos a encarar, as qualidades a sublinhar, as virtudes a ressaltar no que diz respeito à técnica narrativa, sua estrutura, à caracterização das personagens, a linguagem ou estilo e outros aspectos” (GARCIA, 2002, p.262). Aproveitaremos deste roteiro proposto por Garcia, a valorização, não apenas dos aspectos estruturais da narrativa, como propõe Todorov, mas, também, da linguagem, temática, composição, temporalidade, concepções e idéias da obra.

Maria Cândida Vilares Gancho estabelece um método específico de análise do texto narrativo, observado as particularidades do gênero e seus elementos constitutivos (enredo, tempo, ambiente, personagens, narrador, discurso) (cf. GANCHO, 2002, p.48). O roteiro proposto por Gancho é superficial para o estudo que se propõe este trabalho, ao privilegiar apenas os elementos narrativos em sua base analítica. Daí a fusão com as idéias e concepções de vários autores, no intuito de ampliar, aprofundar e complementar ainda mais o estudo da estrutura narrativa no livro-reportagem.

Edvaldo Pereira Lima não disponibiliza uma estrutura explícita para análise de livros-reportagem. Seu apoio a esta fase da pesquisa reside nos subsídios teóricos que o



autor oferece, quanto às características que compõem o tipo de obra jornalístico-literária a ser estudada, adequando, desta forma, ao nosso objeto de estudo, conceitos tanto literários, quanto de cunho jornalísticos.

Diante dessas quatro abordagens, o artigo irá basear sua análise na estrutura narrativa, mediada pelas características jornalísticas e literárias compõem o recorte. Neste sentido, a linguagem, estilo, idéias e recursos utilizados pelos jornalistas-escritores para dar forma ao livro, também serão elementos que estarão presentes neste estudo.

Nos aspectos da obra há uma contextualização da mesma, suas características gerais como livro-reportagem e qual tratamento dado à temática e notícia. Quanto à estrutura foram observadas as relações entre os elementos que compõem a narrativa e a proximidade literária e jornalística. Ao falarmos da linguagem e estilo, buscou-se perceber como o autor conta a história, quais são suas preferências estilísticas, o tipo de linguagem utilizada e suas funções. Para fechar este quadro, identificamos ainda, as idéias e concepções do livro, presentes no ponto de vista do autor, nas impressões causadas pela leitura e, principalmente, nas contribuições do livro-reportagem. Nesta parte do trabalho, também foi desenvolvida uma comparação narrativa entre as obras, a fim de identificar como se dá o processo de construção da narrativa jornalística, com base na especificidade de tratamento dado pelos jornalistas-escritores ao fato reportado.

A partir do próximo item, a pesquisa irá atravessar o caminho da Rota 66 e voar nas asas dos Morcegos Negros para entender como o jornalismo e a literatura se relacionam intensamente no livro-reportagem, ao transformar um fato noticioso em história, através do jornalismo literário.

3. Rota 66 e Morcegos Negros no livro-reportagem: o jornalismo literário e a apropriação da estrutura narrativa ficcional

Rota 66 é um livro-reportagem de tons investigativos e propósitos denunciastas. A obra reúne histórias e evidências sobre o Comando da Polícia Militar Paulista, responsável pela repressão de crimes. O trabalho de apuração do repórter está embasado numa pesquisa de cinco anos, que resultou na construção de um Banco de Dados. Registro este, de números reveladores sobre as vítimas exterminadas pelos matadores da



Rota (Rondas Ostensivas Tobias Aguiar), que deveria, ironicamente, proteger o cidadão. O livro analisa fatos ocorridos entre o início da década de 70 até os meados da década de 80.

A obra aponta, ainda, as estratégias usadas pela Polícia Militar para ocultar o fato, que vão desde forjar tiroteios, até encenar a prestação de socorro a vítimas mortas por tiro à queima-roupa. O mais estarrecedor na descrição dos fatos é a inocência das vítimas, impunidade dos envolvidos e a conivência da justiça perante os acontecimentos.

Caco Barcellos não se limita apenas a enxergar e descrever os acontecimentos. Ele também se torna personagem da história, ao costurar sua atuação e papel de jornalista, aos e relatos e informações apuradas. A obra não é só um mecanismo que trata da polícia que mata, mas, também, um relato pessoal da trajetória do jornalista, em meio ao caráter investigativo de sua profissão como repórter.

O jornalista é o herói. Os fatos são sucessivos e acontecem com agilidade e empolgação, costurados pelas ações denunciadas do repórter. Neste livro, o relato altamente detalhado faz de Caco Barcellos mais escritor do que jornalista. É evidente a preocupação do autor em reportar fatos verossímeis e quanto à questão da qualidade da apuração, bem como o caráter dos dados ali contidos. Porém, o autor romanceia bastante a linguagem da obra. Se não houvesse referências comprobatórias daquilo, seria muito difícil ele sustentar tal denúncia exposta no livro.

Já *Morcegos Negros* assume um papel bastante difícil quanto à comprovação da notícia, por esta parecer realmente fruto da ficção: PC e a máfia Italiana? Como? Porém, o livro-reportagem constrói um tecido contundente que possibilita ao leitor escolher se prefere acreditar na versão “oficial” da história, ou envolver-se nas hipóteses levantadas pelas curiosidades e dúvidas do autor, quanto aos mistérios que envolvem o caso PC. Neste livro, Lucas Figueiredo, não é herói, mocinho, muito menos bandido, mas um jornalista altamente crítico e disposto a esclarecer fatos obscuros sobre tal acontecimento.

Morcegos Negros conta “a história que o Brasil não conheceu”. O livro evidencia a relação de Paulo César Farias – ex-tesoureiro da campanha do também ex-presidente Fernando Collor de Melo – com a máfia italiana, na corrupção, lavagem de dinheiro, narcotráfico e desvio de verbas do Brasil. Collor também não deixa de ser personagem desta história, assim como tantos outros envolvidos no esquema PC. E, um dos fatos mais interessantes: muitas das informações apuradas, que sustentam o enredo



do livro, são de acesso público, as quais, qualquer cidadão poderia consultar. Outras eram documentos sigilosos do exterior, as quais instituições brasileiras tiveram acesso, mas se mantiveram omissas a esses dados.

Qual a rota do dinheiro desviado por PC Farias e onde ele se encontra hoje? Esta é a principal pergunta que o livro-reportagem pretende responder. O autor consegue traçar a trajetória que esse dinheiro percorreu desde Roterdã, na Holanda, até ser distribuído em contas de testas-de-ferro. *Morcegos Negros* apresenta as conexões de PC com o crime internacional, numa narrativa frenética que tenta desvendar os mistérios que envolvem o sumiço de U\$1 bilhão, segundo cálculos da Polícia Federal, roubados de cofres públicos. Um dinheiro do qual não se teve mais notícia, depois do assassinato de PC e Suzana Marcolino, 1996. O faro apurativo e inquieto do jornalista mostra que ainda há muito mais informações a conhecer, do que aquelas divulgadas pela mídia, em relação ao rastro obscuro deixado pelos morcegos negros, despertando no leitor um desejo curioso de saber mais sobre o caso.

Em ambos, a apuração jornalística é visível e vital à composição narrativa da história. Esta se baseia, justamente, nos fatos reportados, pesquisados e confrontados por esses autores. A informação noticiosa é, assim, base de sustentação das duas obras analisadas. Tanto Barcellos, quanto Figueiredo conseguem construir uma narrativa que utiliza elementos literários, munidos de critérios jornalísticos, ao tratar de informações verossímeis.

A questão temática debatida nos livros-reportagem abarca assuntos de interesse público, porém abordados nos demais veículos de comunicação, sem a mesma profundidade. *Rota 66* e *Morcegos Negros* são livros-reportagem que estabelecem uma conexão temática contemporânea, ao discutir fatos que envolvem violência policial, no caso da primeira obra, e escândalos políticos, no que se refere à segunda.

Barcellos e Figueiredo sustentam o caráter noticioso da narrativa. É possível perceber o fato e seus desdobramentos, mesmo este estando próximo de algo contemporâneo e não atual, já que *Rota 66* fora lançado na década de 90, sendo constituído por casos dos anos 70 e 80; *Morcegos Negros* é ambientado a partir de 1990, quando Collor toma posse na presidência, mas é publicado somente em 2000. Ou seja, mesmo diante dessa espécie de “retorno” a fatos que tiveram seu ápice, mas depois foram esquecidos pela mídia, os autores conseguem trazer para os dias de hoje



informações de grande relevância, que podem nos ajudar a entender a conjuntura social brasileira, seus entraves, casos mal resolvidos e impunes.

O tratamento que é dado às fontes varia bastante de um livro para outro. Em *Rota 66* estas são utilizadas a fim de dar confiabilidade a narração do autor, além de ilustrar tal ação na cena. Neste livro-reportagem, grande parte das fontes, são vítimas do sistema de extermínio instaurado pela Rota paulista. Já em *Morcegos Negros* a fonte documental tem uma relevância importantíssima para compor o quadro narrativo e o enredo do texto. As outras fontes primárias e secundárias ganham força através da narração indireta do autor, que intercala, algumas vezes, a transcrição da fala do personagem com a reprodução do diálogo. Tal estratégia dá possibilidade ao jornalista de atuar como um mediador entre a história reportada e a fonte de pesquisa. O que há de proximidade nos dois livros, quanto à captação das informações coletada através de fontes, é o modo verossímil que estas imprimem a narrativa. É como se o jornalista dissesse: “o que eu estou falando é verdade, a testemunha não me deixa mentir”. Pode-se afirmar, então, que é comprovado e atuante o papel da fonte em ambos os livros-reportagem.

O eixo de abordagem é determinado pelo ponto de vista de cada autor com relação ao assunto. Se Caco Barcellos deseja ser a voz dos oprimidos, o repórter das vítimas de extermínio da Rota, e ele foca toda a narrativa neste contexto, Lucas Figueiredo quer ser o típico detetive, utilizar seu faro jornalístico e dedutivo para ir além do que se sabe sobre o caso PC. É nesta vontade que incide a reportagem narrativa presente na obra. Assim, os livros reportagens analisados, mantiveram-se de um lado da história, conforme o ponto de vista do autor, defendido através do seu posicionamento seja ele explícito, como no caso de Barcellos, ou indireto, como Figueiredo. Não é um mero livro mais aprofundado sobre tal assunto, possui uma carga reativa do jornalista muito forte, algo quase impossível de ser visto nos formatos noticiosos do jornalismo convencional.

A estrutura do texto narrativo no livro-reportagem se aproxima bastante daquela que compõe o texto ficcional, como pudemos perceber através da análise do recorte proposto. Tal característica dá ao jornalismo a possibilidade de atuar livremente na composição de uma história real, sem as entranhas e amarras da ditadura do *lead* e das normas impostas pelo gênero. As possibilidades literárias unidas à veracidade e temática jornalística abrem espaço para uma reportagem mais atraente, aprofundada e dinâmica aos olhos do leitor, sem deixar de lado os princípios que regem o fazer jornalístico.

Os estudos analíticos construídos neste trabalho mostram que *Rota 66* e *Morcegos Negros* são livros-reportagem que transformam fatos em história, ao utilizar meios da literatura e as estruturas narrativas ficcionais, providas de objetos jornalísticos para deliberar esse processo de mutação. Através do livro-reportagem, o hibridismo, fruto dessa fusão entre jornalismo e literatura, contempla um texto de contornos literários e disposição jornalística. É como se a parte exterior fosse composta pela literatura e o que há de interior tivesse a presença maciça do jornalismo. Fatos se transformam em história, sim, basta uma mente aguçada e apurativa e uma criatividade literária para tornar híbrida essa condição, sem perder de vista a realidade concreta do acontecimento.

4. Considerações finais

Pensar a relação entre jornalismo e literatura, nos mostra que é possível buscar uma fronteira permeável entre as duas modalidades de escrita, a fim de investir na construção de um texto mais atrativo e uma literatura mais real. Ao analisar a estrutura narrativa dos livros-reportagem *Rota 66* e *Morcegos Negros*, fica clara a importância desta relação híbrida, para a composição de um texto jornalístico mais próximo daquilo que propõe a essência da verdadeira reportagem, diferente do que Luis Milman chama de “noticiário”⁶:

A reportagem é uma modalidade jornalística deprimida nas redações de hoje. Pelo ou menos, na sua forma mais elaborada. Sem a compreensão adequada das condições metodológicas que a tornam possível, a idéia de jornalismo inteligente que ela realiza dá lugar a uma realidade na qual se produz um jornalismo indigente. Por essa razão, para quem se interessa, ou faz, ou, sobretudo, pretende fazer jornalismo, discernir entre a metodologia sofisticada da reportagem e a metodologia esquemática do noticiário é talvez, saber fazer a mais relevante das distinções. (MILMAN, 1998, p.29)

A reportagem se vê, hoje, distante das suas reais propostas, ao disputar com a notícia industrializada e o volume avassalador de informações em tempo real a atenção

⁶ O termo “noticiário” é usado por Luiz Milman para designar o jornalismo preocupado apenas em atender o processo de industrialização da notícia, sem, no entanto, valorizar o tratamento que é dado a este fato. O que vale é o imediatismo e a rapidez com que este circula e não necessariamente seu contexto. É ainda, a representação da falta de metodologia do jornalismo (cf. MILMAN, 1998, p.30).



dos meios de comunicação. O gênero encontra na literatura a possibilidade de retomar seu espaço e reagrupar seus princípios formadores. Para Juremir Machado Silva é a falta desta aproximação que causa o problema do jornalismo contemporâneo:

O grande problema do jornalismo contemporâneo vem do seu ideal de expressão (conteúdo) máxima, com expressividade (forma) mínima. Em outras palavras, o jornalismo quer dizer muito com pouca literatura. Houve uma fase em que a ruptura com o modelo literário se impunha e significou uma libertação para o texto jornalístico. Hoje o fosso existente determina, cada vez mais, um desconhecimento pelo jornalista, da textura literária das palavras. A ambigüidade esconde-se, travessa, na superfície dos textos que dizem aos seus autores o que eles não podem interpretar. (SILVA, 2002, p.51)

O que se pode perceber é que a reportagem nos meios convencionais está sendo diluída pelo imediatismo do fato, que acaba produzindo informações sem contexto, que, por conseguinte, irão gerar uma incompreensão desse episódio. Este tratamento dado pelo jornalismo convencional ao fato jornalístico não passa de uma “produção voltada para os instantâneos, que são reunidos em coletâneas diárias e articulados segundo critérios de consumo” (MILMAN, 1998, p.31). E nesta situação que se encontra inserida a realidade da reportagem atualmente nas redações. O gênero é corrompido por esse processo de industrialização da notícia, que se resume apenas a descrever fatos, sem, no entanto, buscar ligações entre as informações e pensar num modo criativo de transpô-las do estado do acontecimento para o caráter de história da vida real.

Diante dessa posição crítica de inexpressão do gênero de grande valor para a prática jornalística, a solução para o seu ressurgimento parece estar na utilização de meios literários, através de sua estrutura narrativa, para recompor a veemência da reportagem. É preciso fazer o caminho inverso, retroceder nas relações originárias e formadoras da reportagem, que tinha como foco proposital a relação de meios jornalísticos com características literárias. A reportagem necessita, então, não somente relatar com profundidade e contexto, mas também contar histórias fincadas na realidade cotidiana e nos indivíduos, que a personificam.

O livro-reportagem consegue penetrar neste espaço confluyente que permeia o encontro entre literatura e jornalismo. Ele é o resultado mais intenso dessa híbrida ligação. Sem medos ou receios, a reportagem em forma de livro informa, aprofunda e dinamiza a leitura, não provocando qualquer dano ao caráter jornalístico e interpretativo



a que se propõe. Este embarca num objeto ficcional, mas consegue manter sua predisposição verossímil e entrelaçada à realidade dos acontecimentos. Aproveita, assim, da literatura sua variedade criativa e possibilidades de se contar uma história, mas, mantém, do jornalismo, sua ação prática e deliberada pela narrativa real do conjunto em que está inserido.

A análise e estudo desencadeado neste artigo nos permite entender o número infinito de alternativas, que podem conduzir o jornalismo a uma esfera mais instigante e sedutora aos olhos do leitor, sem, no entanto, se ver forçado a imaginar fatos incríveis ou reportar fantasias e devaneios. Existem histórias reais que precisam ser contadas como histórias e não como meros relatos descritivos, sem qualquer expressividade, característica esta, essencial à prática jornalística. Esse necessita, assim, rever o modo como se reporta o fato e transportá-lo até o agente mais interessado – a sociedade. Daniel Piza explicita com clareza os medos e receios, tanto da literatura, quanto do jornalismo, em investir nesta relação envolvente, cálida e, até mesmo, apaixonante:

É preciso [o jornalismo] perder o medo de usar palavras menos óbvias, fugir ao lugar-comum, costurar melhor descrições e argumentos, acrescentar pitadas de humor, ironia e até lirismo, usar recursos como metáforas, trocadilhos e mudanças de andamento. É preciso diversificar os gêneros. [...] Se a literatura deve perder o medo da realidade, de interpretar a sociedade brasileira em sua complexidade e drama, o jornalismo deve perder a submissão ao que considera ser realidade, a submissão às versões oficiais e ideológicas sobre os fatos, para conseguir ir além deles. O resultado, a língua agradece. (PIZA, 2002, p.137)

Praticar um jornalismo baseado numa estrutura ficcional, para transformar um fato em história é plausível. O livro-reportagem está aí, justamente, para confirmar tal atitude. É preciso sofrer metamorfoses, estar, assim, em constante processo de transformação. Mais do que de fórmulas perfeitas, o jornalismo precisa de condições narrativas diversificadas para reportar o fato, ou conduzir uma história. O jornalismo possui predisposição literária, no que diz respeito a sua capacidade adversativa de saber adaptar-se a meios literários em benefício do seu processo de atuação. Basta apenas, converter isso em narrativa jornalística, histórias da vida real.

5. Referências Bibliográficas



- BARCELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. São Paulo: Globo, 2002.
- CAPARELLI, Sérgio. “O campo híbrido do jornalismo e da literatura”. In: **Continente Sul Sur** – Revista do Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre: novembro, 1996.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem** São Paulo: Ática, 2002.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Morcegos Negros: PC Farias, Collor, máfias e a história que o Brasil não conheceu**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1999.
- GALENO, Alex e DE CASTRO, Gustavo (org). **Jornalismo e literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. (Coleção Ensaios Transversais).
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.
- GARCIA, Othon. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.
- _____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1988.
- OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1954.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1970.